

# PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ KELLERSMANN, de Berlim

## Mica Moca

Mica Moca Project Berlin é um espaço temporário experimental que está dando o que falar na cidade. Um “milagre de verão” na opinião de Christophe Knoch, um dos fundadores do local, aberto em maio deste ano para durar apenas cinco meses. A história começou em um dia de inverno, quando Christophe Knoch e Frederic Wake-Walker avistaram da janela do trem metropolitano da cidade uma fábrica abandonada no bairro de Wedding. Curiosos, enfrentaram a neve e foram investigar o espaço. Desativado há dez anos, o complexo de 6.500 m<sup>2</sup> construído em 1873 já abrigou marcenaria, fábrica de cofres, molduras e até lavanderia de casacos de pele.

Christophe conta que tudo aconteceu muito rápido. A primeira visita ao local foi em janeiro. Em abril, após um jantar com o proprietário da fábrica, veio a resposta de que poderiam ter o espaço sem custo de aluguel. A equipe só tinha que se preocupar com luz elétrica, fornecimento de água e segurança das instalações dos três prédios da fábrica. Em maio, o Mica Moca foi inaugurado e fica lá até o fim de setembro, pois o dono, o arquiteto e colecionador de arte italiano Mariano Pichler, tem outros planos para o local: uma aldeia cultural para arte, design e cinema nos moldes de outro projeto seu em Milão.

Foi um golpe de sorte para um grupo de entusiastas que mal se conheciam e praticamente do nada criaram um centro cultural com espaços amplos para todo o tipo de projeto: exposições, instalações, ensaios, performances, espetáculos de teatro, dança, ópera e música. “O incrível disso tudo é um contrato que diz que podemos ou não fazer algo aqui. Podemos usar o espaço, mas não temos obrigação de usar o espaço. Temos liberdade e damos liberdade aos artistas”, disse Christophe em um bate-papo no café do Mica Moca, em um fim de semana cuja programação dedicava-se a um coletivo de Varsóvia.

O local chamou a atenção já na abertura, dia 8 de maio, atraindo um público de 600 pessoas. “Antes de abrir as portas, criamos uma página na web e postamos no Facebook um chamado para a Festa da Limpeza. Umhas 20 pessoas apareceram para ajudar. Não tínhamos dinheiro para contratar serviços. A Ópera Cômica de Berlim nos cedeu 85 cadeiras e uma empresa de técnica de luz e som nos emprestou equipamento de primeira linha. Ganhamos uma máquina de café expresso e um congelador. Um piano para concerto que estava parado nos foi oferecido em empréstimo a longo prazo. Os serviços dos engenheiros e dos bombeiros foram de graça. O local é totalmente legal. Temos permissões e mapas de saída de emergência. Um pequeno milagre!”, contou orgulhoso Christophe, um dos cabeças do projeto.

As coisas foram se encaixando de tal forma que o resultado não poderia ser diferente. Berlim é uma cidade aberta, onde as pessoas também estão abertas para absorver novas ideias. É aqui que muitos artistas vivem ou se encontram para criar. Muitos grupos de fora querem se apresentar aqui. Nos eventos no Mica Moca, a divisão da bilheteria é 60% para os artistas e 40% para o projeto. A entrada de espetáculos custa em média €5 e

as exposições em geral têm entrada gratuita.

Em quatro meses de funcionamento, o Mica Moca já recebeu propostas de quase mil artistas, projetos e coletivos. Por lá, já passaram artistas de 35 nacionalidades: Brasil, Japão, Canadá, Polônia, Itália, França, Espanha, China e muito mais. São projetos sendo apresentados todos os dias.

Os artistas chegam sozinhos ou em bandos. O Labor-Berlin, coletivo que experimenta com revelação manual de película Super 8 e 16mm em um local pertinho dali, ocupou o Mica Moca por quatro dias no início de agosto. A exposição “Intricate machines” reuniu instalações, projeções e performances de mais de 20 artistas. O casal de brasileiros Melissa Dullius e Gustavo Jahn mostrou dois trabalhos em 16mm: a instalação “Guerrero” e a performance “Éternau alterstereo”. A dupla que também assina como Distruktur irá ao Rio no fim deste ano mostrando um programa com produções recentes no Festival Curta Cinema.

A partir da experiência do Mica Moca está claro que existe um grande número de artistas em Berlim necessitando de um espaço como esse, voltado a projetos experimentais e baseados no processo. O modelo do Mica Moca como “gerador de arte experimental” se baseia em três elementos: espaço, tempo e atmosfera. O espaço inspira os artistas, que por sua vez recriam o espaço. É um lugar de encontros. Após se conhecerem no Mica Moca, dois artistas que nunca tinham se visto antes montaram uma performance para apresentar na semana seguinte. E por que não?

O Mica Moca está incentivando e mostrando artistas que ficarão órfãos quando o projeto terminar. Esse foi o tom da carta aberta enviada ao prefeito e secretário da cultura de Berlim, Klaus Wowereit. Em resposta ao apelo do Mica Moca, o candidato (e favorito) à reeleição enviou um representante para dialogar com os organizadores. Mas nada foi acertado, além da promessa de uma ajuda política através de cartas e recomendações para que eles possam encontrar um novo espaço para o projeto em Berlim.

No entanto, segundo Christophe Knoch, o projeto não está associado a uma única cidade. Por que não levar o Mica Moca a Varsóvia, São Paulo, Buenos Aires ou Salvador? Nossa conversa terminou com um cafezinho e Christophe se declarando fã de Jorge Amado. Quem sabe em 2013, ano da Alemanha no Brasil, o Mica Moca possa aterrissar em terra tupiniquim?

Em quatro meses, o Mica Moca já recebeu proposta de quase mil artistas, projetos e coletivos

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
Felipe Hirsch	PELO MUNDO Cristina Ruiz, de Berlim	Francisco Bosco	PELO MUNDO Eduardo Graça, de Nova York Eduardo Levy, de Los Angeles	Hermano Vianna	José Miguel Wisnik	Caetano Veloso